

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBIGLINES

mais uma

CHANCE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para meu irmão, Jody Potts. Uma história de amor do seu passado inspirou esta parte da jornada de Grant e Harlow. Nunca me esqueci, e agora sei por que ela ficou na minha mente por todos esses anos.

“O momento em que a gente se dá conta de que ferrou completamente a nossa vida... é, eu conheço esse momento. Bem demais.”

– GRANT CARTER

GRANT

“Sou eu, mas você já sabe disso. Esta é a 48ª mensagem... o que quer dizer que há 48 dias eu não vejo seu rosto. Não abraço você. Não vejo seu sorriso. Eu não sei onde você está, Harlow. E eu procurei, gata. Meu Deus, eu fiz tudo o que pude. Onde você está? Você está pelo menos ouvindo estes recados? Sua caixa de mensagens é tudo o que me resta de você. Eu estraguei tudo. Ferrei tudo completamente. Só estou pedindo que me ligue ou me atenda ou me mande uma mensagem de texto. Não, me ligue. Não me mande só uma mensagem. Eu preciso ouvir a sua voz. Eu só... eu preciso ver você, Harlow. Eu não posso consertar isso se não puder abraçar você...”

Piii.

Mais uma mensagem interrompida. Maldita caixa postal que nunca me deixa terminar. Mas eu nem tinha certeza se ela estava acessando a caixa postal. Tenho ligado todas as noites desde o instante em que ela saiu pela minha porta, e nada ainda. Fui à casa do pai dela em Los Angeles e não havia ninguém lá, embora eu não tenha conseguido ver com meus próprios olhos – nem me deixaram passar pelo portão. Os seguranças ameaçaram chamar a polícia.

Rush me garantiu que ela não estava em Beverly Hills. Mas ele sabia onde ela estava. Harlow falou para ele aonde estava indo no dia em que deixou a minha casa, mas ele não queria me contar. Disse que ela precisava de tempo e que eu precisava dar isso a ela. Na noite em que me falou que não poderia me contar onde ela estava, dei um soco na cara dele. Isso nunca tinha acontecido. Ele recebeu o golpe e o ignorou como o valentão que é. Então me avisou que aquela tinha sido minha única chance. Que compreendia, mas que, da próxima vez, ia revidar.

Eu me senti um cretino por ter batido nele. Ele estava protegendo Harlow, e ela precisava que alguém a protegesse. Eu simplesmente não conseguia suportar não poder abraçá-la, não poder explicar por que agi feito um idiota.

Blaire havia acabado de voltar a falar comigo. Ficou muito brava quando

viu o roxo no rosto de Rush e o nariz dele sangrando. Ela se recusou a conversar comigo por quase um mês.

Eu não conseguia falar com ninguém mais além da secretária eletrônica de Harlow.

Acordava de manhã e ia fazer trabalhos braçais em uma das minhas obras. Precisava do cansaço físico para conseguir dormir à noite. Depois que o sol se punha e eu não podia mais trabalhar, voltava para casa, comia, tomava um banho, ligava para a caixa postal de Harlow e ia para a cama. No dia seguinte fazia tudo de novo.

Nannette havia parado de tentar entrar em contato comigo. Depois de um tempo me recusando a atender suas ligações ou abrir a porta quando ela vinha até minha casa, ela se tocou e me deixou em paz. Encontrá-la apenas trazia de volta toda a dor que eu havia provocado em Harlow, e eu odiava ver o rosto de Nan. Não precisava de mais lembretes de tudo o que havia feito para ferir Harlow.

É possível odiar a si mesmo? Porque eu estou bastante certo de que me odeio. Por que eu não controlei toda a merda que saía da minha boca na última vez em que vi Harlow? Eu estraguei tudo. Eu a machuquei. Lembrar-me do rosto dela enquanto eu esbravejava por ela não ter me contado sobre sua doença não me deixava me olhar no espelho. Ela estava assustada, e eu fiquei preocupado comigo mesmo e com meus medos babacas. Como eu havia me tornado tão egoísta? Eu estava com pânico de perdê-la, mas tudo o que fiz foi expulsá-la da minha vida.

Fui um cretino, um cretino insensível. Eu não a merecia, mas a queria mais do que queria continuar respirando.

Estava deixando de passar um tempo precioso com ela. Queria me certificar de que ela estava segura e protegida. Queria estar ao seu lado para cuidar dela e garantir que estivesse saudável. Garantir que o coração dela estivesse bem. Eu não confiava em mais ninguém para mantê-la viva. *Merda!* A possibilidade de ela não estar viva dilacerava o meu peito, e eu sentia até dificuldade de respirar.

– Você precisa me ligar, gata. Eu não consigo viver assim. Preciso ficar com você – gritei no quarto vazio.

HARLOW

Sentada sobre um fardo de feno, com o queixo apoiado nos joelhos e os braços ao redor das pernas, fiquei vendo meu meio-irmão Mase amansar um jovem puro-sangue inglês que estava lhe dando muito trabalho. Era bom ter alguma coisa em que prestar atenção além dos meus próprios pensamentos. Eu me peguei mais preocupada com a chance de Mase quebrar o pescoço do que com meus problemas.

A noite chegaria logo. Meu telefone tocaria e então emitiria um bipe alertando que ele havia deixado mais uma mensagem. Eu passaria as horas seguintes olhando fixamente para a parede enquanto emoções contraditórias me dominariam. Eu queria ouvir as mensagens de Grant. Sentia falta dele. Sentia falta de ouvir sua voz. Sentia falta de suas covinhas quando ele ria. Mas eu realmente não podia ouvir as mensagens, mesmo que ele estivesse arrependido, e eu não tinha dúvida – depois de todos os telefonemas e de sua tentativa de invadir a casa do papai – de que ele de fato se arrependera.

Ele estava apavorado com a ideia de mais uma vez perder alguém de quem gostava. Se eu contar a ele que estou grávida de um filho nosso e que existe a possibilidade de eu não sobreviver ao parto, tenho medo de que ele queira que eu faça o que Mase também pediu. O que os médicos sugeriram que eu fizesse.

Eu amava Grant Carter. Eu o amava muito. Mas amava outra pessoa com a mesma intensidade. Soltei as pernas e pus a mão sobre a barriga. Ainda não estava aparecendo, mas eu tinha visto a vidinha dentro dela no ultrassom. Como eles podiam esperar que eu abortasse essa criança? Eu já a amava. Eu amava o pai dela. Eu jamais esperei me sentir assim. Era um sonho que por muito tempo eu havia abandonado.

Eu queria esse bebê. Queria que essa criança tivesse uma vida. Uma vida plena e maravilhosa, sem nada além de amor e segurança. Minha avó sempre foi muito firme em sua crença de que abortar era errado. Eu me perguntava se ela se sentiria assim se fosse eu quem engravidasse acidentalmente. Mas nunca passou pela minha cabeça que eu poderia conceber

uma criança com um homem que amasse. Um homem que me fazia querer coisas que eu não deveria querer.

Meu medo era que talvez eles tivessem razão... Talvez eu não fosse capaz. Mas eu acreditava que seria. Eu queria esse bebê. Queria amar e segurar meu bebê e mostrar que faria qualquer coisa por ele. Eu queria um filho meu. Queria o bastante para viver. Estava convencida de que poderia fazer isso. Eu iria fazer.

Queria que Mase compreendesse. Detestava ver o medo em seus olhos toda vez que ele olhava para a minha barriga. Ele estava apavorado porque me amava. Eu não queria assustá-lo, mas ele precisava confiar em mim. Eu poderia fazer isso dar certo. Com minha força de vontade, eu poderia ter esse bebê e sobreviver. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Mase saltou do cavalo e me encarou. Sempre a preocupação. Observei enquanto ele levava o cavalo de volta à estabulação. Ficamos ali a manhã toda, e agora estava na hora do almoço.

O padrasto de Mase lhe dera um pedaço de terra nos fundos da propriedade deles, e meu meio-irmão havia construído uma pequena casa de madeira. Para minha sorte, sua casa de 120 metros quadrados tinha dois quartos. Ninguém sabia sobre esse lugar, que era totalmente afastado, e assim, quando a mídia apareceu na porta da casa da mãe de Mase, ela apenas disse que nenhum de nós estava lá e que, se eles não saíssem da propriedade, chamaria a polícia. Agora que a mídia me conhecia como filha de Kiro, era mais difícil me esconder.

Desde então, tudo estava silencioso. Não íamos à cidade, e eu consegui ficar escondida na casa. Com exceção da consulta ao obstetra, a que fui com a mãe de Mase, eu vinha me mantendo reclusa. Meu pai havia ligado algumas vezes. Eu ainda não tinha contado a ele sobre a gravidez, que eu mesma só descobrira na semana anterior.

Mase queria contar ao nosso pai. Ele tinha certeza de que papai conseguiria me obrigar a fazer um aborto. Eu sabia que não adiantaria. Sabia no fundo do coração o que ia fazer. Ninguém mudaria isso. E, se a minha força de vontade para viver não fosse suficiente, meu bebê seria amado. A única pessoa que estava do meu lado em tudo isso havia me garantido que criaria a criança e a amaria como se fosse dela. Maryann Colt era a mãe que toda criança merecia. Quando eu era pequena e visitava Mase, a mãe dele assava biscoitos e nos levava para fazer piqueniques. Ela nos botava na cama à

noite e, depois de beijar o rosto de Mase e dizer que o amava, fazia o mesmo comigo. Como se ali fosse meu lugar.

E Maryann sabia como era ser mãe. Ela compreendia a necessidade que eu tinha de proteger esse bebê. Segurou a minha mão quando confirmaram que eu estava grávida. Suas lágrimas não foram de tristeza, mas de alegria. Ela ficou feliz por mim, porque eu estava feliz. Aquela noite foi a primeira vez que vi Mase brigar com a mãe. Maryann me apoiou quando expliquei que não ia fazer o aborto. Mase ficou furioso e me implorou que reconsiderasse a decisão.

Eu sabia que com Grant seria pior. Dizer a mim mesma que ele havia me esquecido ou que não se importava era inútil. Eu sabia que não era assim. Ele ainda me ligava todos os dias e deixava uma mensagem. Queria perdão e possivelmente estava pronto para correr o risco de amar alguém com a minha doença. Mas agora o risco era muito maior. No fundo, eu não acreditava que ele teria força suficiente para continuar comigo. Eu não conseguia me esquecer do que ele havia me falado na última vez em que o vi. Tínhamos desperdiçado nossa chance.

– Está se sentindo bem?

A voz de Mase interrompeu meus pensamentos. Protegi os olhos do sol e olhei para ele. Estava vestindo sua calça jeans desbotada e uma camisa xadrez azul. Por causa das atividades da manhã, uma fina camada de poeira o cobria, e ele empurrou o chapéu de caubói para trás enquanto secava o suor da testa com uma toalha que tirou do bolso de trás.

– Estou ótima. Apenas perdida nos pensamentos – expliquei.

Ele estendeu a mão para mim.

– Vamos lá, vamos comer alguma coisa. A mamãe já deve estar com o almoço na mesa.

Maryann preparava uma refeição completa no almoço todos os dias. Ela dizia que seus rapazes precisavam disso para continuar trabalhando duro. O padrasto de Mase ainda estava usando bengala depois de levar um tombo do trator, embora já tivesse tirado o gesso. Mase tinha se responsabilizado por parte das tarefas dele e parecia aliviado por ele estar voltando ao trabalho. Seu padrasto criava gado de corte, e a lida era muito cansativa. Mase costumava apenas treinar alguns cavalos.

Segurei a mão do meu irmão e deixei que ele me levantasse. Não admitiria a ele que estava me sentindo fraco pela perda de apetite. Não estava

enjoando com a gravidez, mas sentia falta de Grant. Naquele momento, eu o queria. Queria dividir isso com ele. Vê-lo sorrir e ouvi-lo dar risada. Queria mais do que ele poderia me dar.

– Faz dias que você não sorri – disse Mase, soltando a minha mão.

Limpei a poeira da calça e encolhi os ombros.

– Não vou mentir para você. Sinto falta dele. Eu o amo, Mase. Já admiti isso para você.

Mase caminhou ao meu lado enquanto seguíamos na direção do casarão branco de seus pais, que tinha varanda ao redor de toda a construção e flores nas janelas. Mase tivera uma vida perfeita. O tipo de vida em que crianças como eu não acreditam a não ser que vejam. Eu queria dar uma vida assim ao meu filho.

– Atenda à ligação dele esta noite em vez de deixar cair na caixa postal. Ele quer ouvir a sua voz. Dê a ele ao menos isso. Talvez faça você se sentir melhor – disse Mase.

Não era a primeira vez que ele me estimulava a atender as ligações de Grant. Eu não havia contado a Mase por que fugi. Não podia suportar a ideia de Mase odiar Grant. Ele não compreenderia por que Grant havia reagido da forma como reagiu. E ele jamais o perdoaria. Os dois serão da mesma família um dia. Esse bebê os fará ser da mesma família.

E se eu não estiver por perto...

– Você é teimosa, Harlow Manning. Sabia disso?

E empurrou meu ombro com o braço.

– Vou atender quando chegar a hora. Simplesmente ainda não é a hora.

Mase soltou um suspiro de frustração.

– Você está esperando um filho dele. Ele precisa saber disso. Não é certo o que você está fazendo.

Afastei dos olhos os fios de cabelo que haviam se soltado do meu rabo de cavalo. Ele não compreenderia por que eu não podia contar a Grant. Estava cansada de ter essa conversa com ele.

– Ninguém vai me convencer a desistir do bebê. Não adianta! Não vou escolher a mim em vez de escolher esta criança. Não posso. Não vou. Apenas... não me peça isso de novo, compreenda que eu preciso fazer isso do meu jeito.

Mase estava tenso ao meu lado. Qualquer lembrança de que eu estava botando minha vida em risco o incomodava. Mas a vida era minha e a

decisão também. Eu não o forçava a concordar comigo, só queria que respeitasse minha opinião. Caminhamos em silêncio até a casa.

Maryann estava parada diante do fogão vestindo um avental de bolinhas azul e branco, que eu sabia que tinha um monograma na frente. Eu o havia dado de presente a ela quando tinha 17 anos. A porta de tela bateu atrás de nós, Maryann olhou por cima do ombro e sorriu.

– Está quase pronto. Ponham a mesa para mim, por favor – pediu ela, virando-se de novo para o fogão.

Mase foi até a gaveta de talheres e eu fui pegar os pratos. Aquilo havia se tornado uma rotina. Depois de colocar quatro lugares à mesa, fui buscar os copos e enchê-los de gelo e chá.

– São cinco lugares hoje. Major vem almoçar conosco. Ele ligou hoje de manhã para dizer que estava a caminho da cidade, e concordamos em contratá-lo pelos próximos seis meses. Ele precisa de uma folga do drama na casa dele e nós precisamos de outro par de braços fortes por aqui.

Eu me lembrava de Major como um valentão. Um valentão mirrado e mau. Mas eu não via o primo de Mase desde que ele tinha 10 anos, então as coisas podiam ter mudado. Ele já devia ter passado de 1,40 metro e não devia mais usar aparelho.

– O tio Chap ainda está pensando em se divorciar daquela garota? – perguntou Mase com uma expressão preocupada.

Nós nunca falávamos muito sobre o primo dele, mas Major estava morando em um país diferente toda vez que Mase falava nele. Tio Chap era fuzileiro naval, dos mais durões. E havia transformado em um objetivo de vida casar-se com o máximo de mulheres jovens e bonitas que conseguisse. Major sempre tinha uma nova mãe. Disso eu me lembrava.

Maryann suspirou e pôs os biscoitos na mesa.

– Acontece que, desta vez, não se trata apenas de uma menininha bonitinha querendo um papaizinho. Hillary também estava de olho em Major e, aparentemente, conseguiu o que desejava. Major cometeu um erro e, bem, Chap não está muito feliz com a mulher e o filho. Major não pode ir para casa e encarar o pai dele agora e não quer voltar para a faculdade. Está confuso e infeliz.

Mase pôs a jarra de chá na mesa e olhou para mim com uma expressão de surpresa. Ele não sabia dessa informação. Interessante.

– Quer dizer... Major pegou a madrasta?

– Não fale assim – disse Maryann, franzindo a testa para o filho. – E, sim, ele fez isso. Mas Hillary é só quatro anos mais velha do que Major. O que Chap esperava? Ele é um homem velho que se casou com uma menina e a colocou dentro de casa com o filho bonito enquanto ele trabalhava o tempo todo.

Mase soltou um assovio e deu uma risada.

– Major pegou a madrasta – repetiu.

– Já chega. Ele vai aparecer aqui a qualquer momento, e eu sei que está envergonhado de tudo isso. Seja legal. Pergunte a ele sobre a faculdade ou sobre o que ele quer fazer. Só não fale sobre Hillary ou o pai dele.

Eu estava tentando não parecer completamente perturbada com tudo aquilo. Nem com muito esforço eu conseguia imaginar Major bonito. Mas tudo o que eu conheci foi o Major com 10 anos de idade, não o com 21 anos capaz de atrair uma mulher que não deveria desejá-lo.

Uma batida rápida na porta chamou nossa atenção, e todos os olhos se voltaram para lá enquanto uma versão crescida de Major Colt entrava na casa.

Os olhos verdes dele eram quase cor de esmeralda. Fiquei surpresa por não me lembrar disso. Um sorriso inseguro se esboçou em seu rosto quando olhou para a tia e depois para Mase. Dei uma olhada rápida nele. Tinha pelo menos 1,90 metro, e cada centímetro dele era bem-feito. Braços grossos e musculosos que me lembravam muito os de Mase apareciam sob as mangas curtas da camiseta cinza.

– Então você pegou sua madrasta.

Essas foram as primeiras palavras a quebrar o silêncio. Claro que vieram de Mase.

– Mase Colt-Manning, eu vou dar uma surra em você – ralhou Maryann em uma voz séria, secando rapidamente as mãos no avental e indo na direção de Major.

O sorrisinho nos lábios de Major, que encarava Mase, me fez pensar que talvez ele não fosse ficar tão chateado quanto Maryann havia imaginado. Não parecia um jovem que tivesse sido obrigado a fazer algo contra a vontade. Era um homem feito, da cabeça aos pés.

Virou-se para falar com Maryann, mas parou quando seus olhos me encontraram. Fez uma pausa e sorriu. Um sorriso de verdade desta vez. Ele me reconheceu. Nada surpreendente, uma vez que meu rosto estava em toda a mídia nos dois últimos meses.

– Ora, se não é a senhorita desaparecida – falou Major. – Você é ainda mais bonita do que as fotos que mostram na TV.

– Calma – disse Mase, dando um passo para ficar entre mim e Major. – Sei que você é um conquistador agora, mas ela não está disponível para romance. Tenho certeza de que tio Chap terá uma nova mulher em breve, e você vai poder descobrir quanto tempo demora para pegá-la.

– Já chega! – disse Maryann, dando um tapa no braço de Mase como se ele fosse um menino levado e depois puxando Major para um abraço. – Estamos muito felizes de ter você aqui. Ignore a tentativa do seu primo de fazer graça. Ele não tem limite, e eu peço desculpas por isso.

Major correspondeu ao abraço e sorriu para Mase por cima da cabeça da tia, que não chegava sequer ao seu ombro.

– Obrigada, tia Maryann. Nada disso vai me afetar. Eu consigo suportar, acredite.

– Inacreditável. Ele dorme com a mulher do pai e você fica do lado dele e o trata como se fosse vítima – disse Mase, mas não havia ressentimento em sua voz. Ele sorria ao dizer isso.

A porta se abriu mais uma vez, e o padrasto de Mase entrou. Mesmo mancando, ainda era uma presença grandiosa. Altura era definitivamente uma característica dos Colts.

– Que bom que você está aqui, garoto – falou ele para Major. – Mas eu estou com fome, então você vai ter de soltar minha mulher para que ela possa me alimentar.

Desta vez Major riu. Uma risada alta e plena, que contagiou a todos.

GRANT

“**M**ensagem de número 55. Todos os dias eu penso que será o último dia que a ligação vai cair na sua caixa postal. Que você vai acabar me atendendo. Eu só quero ouvir a sua voz e saber se você está bem e feliz. Quero você feliz. Estou infeliz. Não consigo dormir. Eu só penso em você. Sinto a sua falta, gata. Sinto muito a sua falta. Dói demais. Seria bom pelo menos saber que você está bem e com saúde. Rush me garantiu que você está, mas preciso ouvir isso de você. Qualquer coisa... eu faço qualquer coisa. Só fale comigo.”

Piiiiii.

Eu odiava aquele som. Ele zombava da minha dor e encerrava os poucos segundos em que eu sentia que Harlow estivesse me ouvindo. Mas, de qualquer maneira, ela provavelmente não estava nem escutando minhas mensagens. Eu tinha quase certeza de que ela já teria me ligado a essa altura se houvesse escutado pelo menos uma das minhas mensagens desesperadas. Ela não conseguiria me ignorar.

Rush dissera que ela não estava na casa de Maryann, no Texas, mas eu estava quase decidido a visitar Mase e descobrir o que ele sabia. Não me importava com a segurança extra da qual havia sido alertado. Não me importava de ir para a cadeia se antes conseguisse algumas respostas. Eu daria qualquer coisa para saber onde Harlow estava.

Meu telefone tocou e, por um instante, meu coração parou. Por uma fração de segundo, me permiti esperar que fosse Harlow, muito embora, no fundo, soubesse que não podia ser ela. Olhei para o telefone e vi o nome de Rush brilhando na tela. Ele não era Harlow, mas era a única conexão que eu tinha com ela no momento.

– O que foi? – disse ao telefone, olhando fixamente para o teto.

– Não sei bem por que ainda ligo para você, seu chato ranzinza – respondeu Rush.

Eu também não sabia. Mas, se ele ligava, eu logo atendia. Mesmo que Rush não tivesse ideia de onde Harlow estava, ele era o único com quem eu conseguia falar sobre isso. Sentia que só ele podia me compreender. Na

verdade, talvez fosse a única pessoa capaz de entender quanto eu estava arrasado.

– Está tarde – falei.

– Não está tão tarde. Blaire acabou de subir para fazer Nate dormir.

Rush tinha essa vidinha feliz agora. Uma mulher que ele idolatrava. Um filho que adorava. Eu ficava feliz que ele tivesse tudo o que sempre quis. Nenhum de nós havia conhecido uma família normal e saudável. Agora ele conhecia. Agora tinha isso. Mas eu... Talvez fosse possível quando Harlow ainda estava aqui. Talvez.

– Sei que não está a fim de falar, mas só estou ligando para saber como você está. Blaire me disse para ligar e checar como você estava antes de ela subir.

Pelo jeito, Blaire realmente havia me perdoado. Queria poder dizer a Rush que eu estava bem. Que eu conseguia respirar normalmente e que meu peito não doía o tempo todo. Que eu não me sentia perdido e desamparado. Mas eu não podia dizer isso a ele. A verdade era que eu precisava de Harlow.

– Você ficou bem quando Blaire deixou você? – perguntei a ele, já sabendo a resposta.

Eu estava lá. Eu o havia obrigado a sair de casa.

– Não – respondeu ele. – Você sabe que eu fiquei um lixo.

– É – foi minha única resposta.

Naquela época, eu não o entendia. Mas agora tudo fazia sentido. Ele ficara em pedaços, e todos esperavam que seguisse como se tudo estivesse normal, agarrado à esperança de que ela voltaria.

– Desculpe por fazer você sair de casa naquela época. Eu não entendia.

Rush soltou uma risada baixa e triste.

– Acho que me ajudou um pouco. Não precisa se desculpar. Ficar lá parado pensando no assunto teria me deixado ainda pior. Eu não tinha um trabalho com que me distrair todos os dias como você.

– Você falou com ela? – perguntei, sem conseguir me conter.

Eu precisava de alguma coisa. Qualquer coisa.

– Ela está bem. Está em segurança. E perguntou como você estava. Eu disse que estava um trapo, que não estava muito bem.

Se estivesse escutando minhas mensagens na caixa postal, ela já saberia disso. Eu não escondia nada quando ligava para ela. Estava sendo totalmente sincero, expondo a minha alma.

– Algum dia ela vai me perdoar? – perguntei, fechando os olhos, com medo da resposta.

– Ela já perdoou. Só não está pronta para se abrir de novo ainda. Ela está lidando com muita coisa no momento. A mãe dela e Kiro, depois disso... só dê um pouco mais de tempo para ela.

Se ela havia me perdoado, por que não estava ouvindo minhas mensagens? Por que não atendia quando eu ligava?

– Diga que eu só quero ouvir a voz dela. Ela não precisa conversar muito tempo comigo... só um minuto. Eu quero dizer que a amo. Quero dizer que sinto muito. Eu... só preciso dizer que preciso dela.

Rush ficou em silêncio por um instante. Qualquer outro teria feito piada sobre quanto eu havia me tornado vulnerável. Não ele.

– Vou dizer isso a ela. Durma um pouco. Ligue para mim e dê notícias. Blaire fica preocupada.

Senti um nó na garganta. Nós nos despedimos e eu larguei o telefone no peito e fechei os olhos, deixando imagens de Harlow preencherem meus pensamentos. Eram tudo o que eu tinha agora.

HARLOW

— Seu telefone está tocando – avisou Mase ao sair na minha direção estendendo o telefone.

Eu estava sentada no balanço que ficava pendurado no quintal desde que éramos crianças, sozinha com meus pensamentos.

– Quem é? – perguntei, com medo de olhar.

Eu estava perdendo o autocontrole. Se fosse Grant, não tinha certeza de que ainda conseguiria ignorá-lo.

– Blaire – respondeu Mase, atirando o telefone no meu colo. – Estou indo para o celeiro. Tem ração chegando, e eu preciso mostrar ao Major as funções dele agora que ele está instalado. Você precisa falar com Blaire. Depois, pense em ligar para Grant.

Toquei no botão de atender e levei o aparelho ao ouvido.

– Alô?

– Ei. Faz dias que não tenho notícias suas. Queria saber como estão as coisas.

Blaire ainda não sabia da gravidez. Eu confiava nela para tudo, menos para manter algo em segredo de Rush. Ela contaria para ele, e eu sabia que Rush contaria para Grant. Ele não conseguiria ficar calado. Então vinha mantendo o bebê em segredo.

– Estou bem – respondi, sem acreditar na minha própria voz. – Como estão as coisas por aí? – perguntei, não conseguindo pronunciar o nome dele.

– Você quer dizer como está Grant? Ele não está bem. Ainda do mesmo jeito. Muito trabalho e pouco sono. Não conversa com ninguém além de Rush e agora implora diariamente que diga onde ele pode encontrar você. Ele está um trapo, Harlow. Precisa ouvir sua voz.

Senti meu coração apertar e pisquei para afastar as lágrimas. Saber que ele estava sofrendo era difícil. Mas como eu poderia ligar e não desmoronar e dizer quanto eu sentia sua falta? Isso não ajudaria em nada. Ele apenas ficaria mais magoado quando eu me recusasse a dizer onde estava.

– Eu não estou pronta – disse a ela.

Blaire soltou um suspiro, e eu ouvi a risada de Nate ao fundo. A risada de um bebê era tudo de que eu precisava para lembrar a mim mesma por que não podia deixar Grant saber o que estava acontecendo.

– Blaire, posso perguntar uma coisa para você? – A pergunta saiu da minha boca antes que eu pudesse me segurar.

– É claro – respondeu ela.

A vozinha de Nate começou a cantarolar “Papa” sem parar.

– Só um minutinho. Rush acabou de chegar, e Nate fica muito empolgado quando vê o pai. Deixe-me ir para outro lugar – disse Blaire.

Eu queria o que Blaire tinha. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria aquilo. Queria ver Grant com nosso bebê. O filho que concebemos. O filho que estava dentro de mim. Mas será que Grant iria querer isso?

– Pronto, posso ouvir melhor agora. O que você quer me perguntar?

Fechando bem os olhos, torci para não estar cometendo um erro.

– Antes de Nate nascer, você teria dado sua vida pela dele? Você o amava a esse ponto?

Blaire não respondeu. Ela ficou em silêncio por vários segundos, e eu comecei a pensar que havia falado demais. Que ela iria descobrir por que eu estava fazendo essa pergunta.

– Ele era uma parte de Rush e de mim. Eu faria qualquer coisa por ele desde o instante em que soube que estava dentro de mim. Então, sim – respondeu ela.

Ela falou lentamente e um pouco contra a vontade, mas eu sabia que estava sendo sincera. Também sabia que compreenderia a minha escolha.

– Mas Rush não teria pensado a mesma coisa – acrescentou.

A emoção trancando minha garganta dificultou a resposta.

– É. Achei que não. Eu, ahn, preciso ir. Falo com você depois.

Não esperei que ela respondesse antes de encerrar a ligação. Larguei o telefone no colo e cobri o rosto com as mãos, liberando a tristeza. Solucei pela vida que eu talvez não pudesse dar ao meu bebê, pela possibilidade de não estar presente se ele nascesse e pela família que eu queria tanto com Grant, mas temia que jamais pudesse ter. Chorei até secarem todas as lágrimas. Até eu não conseguir mais chorar. Então cobri a barriga com as mãos e fiquei ali sentada enquanto a brisa secava meu rosto molhado de lágrimas. Estava na hora de encontrar a força de que precisava para levar isso adiante. Dizer que eu não tinha medo de morrer era mentira. Eu estava

apavorada, mas iria encarar as consequências se com isso o bebê dentro de mim pudesse viver. Esta vida era parte de mim e do homem que eu amava. O único homem que eu poderia amar.

Antes de conhecer Grant, eu não sabia o que era estar completamente apaixonada. Via casais e sonhava acordada com o dia em que um homem iria olhar para mim com devoção e adoração. Imaginava caminhar até o altar na direção de alguém que enxergasse e amasse apenas a mim. Um homem que me amasse apesar de toda a minha estranheza. Que amasse a mim e ao meu coração imperfeito. Por um momento, eu tive certeza de que o havia encontrado...

Meus pensamentos foram interrompidos pela caminhonete Dodge vermelha de Maryann. Ela vinha pela estrada de cascalho que levava da casa branca da fazenda até a casa de madeira de Mase. Fazia alguns dias que Maryann não passava por ali. Major estava sendo uma boa distração para ela. Eu sabia que minha próxima consulta se aproximava. Os médicos queriam me ver todas as semanas, já que a gravidez era considerada de alto risco. Mas eu não sabia ao certo para que dia ela havia marcado.

Em vez de ir almoçar na casa principal, eu havia passado os dois últimos dias ali. Sozinha. Eu me sentia segura sozinha. Também queria deixá-los à vontade para conversar sobre assuntos de família com Major. Sabia que ele não ficava confortável de falar sobre eles na minha frente. Eu não era da família dele. O único problema era que eu não tinha nada com que preencher meu tempo. Ficava entregue a meus pensamentos. Ler era algo que costumava me ajudar a fugir, mas eu não conseguia mais me concentrar na história.

Meus pensamentos eram sempre sobre Grant e o futuro.

A caminhonete parou, a porta de Maryann se abriu e suas pernas vestindo jeans apareceram quando ela saltou da cabine. Ela era uma beleza natural. Toda vaqueira que já imaginei se parecia com Maryann. Alta e magra, sempre usando jeans justos, botas e uma camisa xadrez de botão amarrada na cintura. O chapéu de vaqueiro na cabeça era o toque final. Não era nem um pouco feminino. Era sujo e usado.

Ela subiu os degraus da varanda e olhou para mim com a expressão preocupada de uma mãe. Uma mãe que eu nunca tive.

– Você está tentando me deixar preocupada, menina? – perguntou ela, me analisando atentamente.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, me desculpe. Eu só não tenho sentido fome. E preciso ficar sozinha.

Ela franziu ainda mais a testa.

– Você andou chorando, é o que me parece. Chorar não é bom para você, seu coração e esse bebê. Você precisa sair dessa. Se está chorando por causa daquele rapaz, ligue para ele. Fale com ele. Você precisa de toda a sua coragem e sua força de vontade se pretende fazer isso, menina. Não pode ficar deprimida, prestes a desistir.

Eu não havia pensando nisso. Mas falar com Grant significava que eu não poderia mais protegê-lo.

– Ele vai ficar apavorado. Estou tentando mantê-lo longe disso. O maior medo da vida dele é perder alguém que ele ame.

Maryann pôs as mãos na cintura e revirou os olhos.

– Você deve estar brincando comigo. Esse garoto é tão fracote que não consegue lidar com a vida? Se ele for um homem de verdade, vai se apresentar e ser a fortaleza de que você precisa agora. Se ele não conseguir fazer isso, não vale o seu tempo.

Ela não sabia quanto Grant havia ficado arrasado quando descobriu sobre meu coração. Ele era um homem maravilhoso, que havia confiado em mim. Eu havia escondido dele algo que o teria poupado de se ferir. Se tivesse simplesmente contado a ele sobre meu coração no dia em que ele apareceu no meu quarto com comida chinesa, ele jamais teria corrido este risco. Ele teria se protegido. Eu não teria conhecido o que era ser abraçada e tocada por ele, mas ele teria ficado bem. O coração dele teria ficado bem. Fui egoísta ao não permitir que ele escolhesse.

– Ele merece mais – eu disse a ela.

Era tudo o que eu podia dizer.

– Merece droga nenhuma. Se ele ganhou o seu amor, ele ganhou na loteria. Entendeu? É um homem de sorte. Nada mais importa. Você é uma mulher bonita, inteligente, carinhosa e pura que ilumina as pessoas ao seu redor.

Meus lábios se abriram em um sorriso.

– Obrigada.

Maryann me amava como uma mãe amaria. Quando eu era menina, ela foi uma excelente substituta, embora minha mente às vezes imaginasse como seria a vida em outras circunstâncias. Até bem pouco tempo, eu acreditava que minha mãe havia morrido em um acidente. Alguns meses atrás,

descobri que ela estava viva em um hospital em Los Angeles, ainda que senil e incapaz de desempenhar as funções mais básicas. Quando a mídia descobriu o segredo, também me descobriu, e por isso meu rosto apareceu nas telas de TV de todos os Estados Unidos.

Ela se aproximou e sentou no balanço ao meu lado.

– Não me agradeça por ser sincera. Estou apenas dizendo o que acho.

Eu costumava me perguntar como alguém como Maryann pôde se envolver com meu pai. Ela era tão real. Tão cheia de vida e tão inteligente. Fazia sentido ela ter ficado com o homem com quem passou a maior parte da vida. Eles combinavam. Mas Maryann e Kiro eram um casal difícil de imaginar.

– Você é durona, você é forte. Sempre foi. Mesmo quando bebê, você era muito determinada. Kiro a adorava, mas agora você sabe que também idolatrava sua mãe. Ela era a luz dele. Ela encontrou dentro dele o homem que ninguém mais havia conhecido e o mostrou para o mundo. Vê-lo com ela me maravilhava. Eu não conseguia odiá-la. Na verdade, eu a admirava. Ela era uma alma muito doce, exatamente como você. Eu vejo muito dela em você. Seu pai também.

Ela parou e apertou meu joelho.

– Se quer este bebê, eu acredito que você pode tê-lo. Acredito que você é forte o bastante. Eu vi esta força ao longo da sua vida, e acho que você consegue, mas precisa abraçar isso. Não deixe a dor e o medo a controlarem, ou você perderá.

Pensei um pouco no que ela disse e me dei conta de que tinha razão. Estava na hora de ser forte. Meu bebê precisava disso. E eu precisava ser forte por todos nós.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br